

OFICINA PARA PROFESSORES DO VÍDEO CLUBE DO FUTURO: MUSEU E ESCOLA UNINDO FORÇAS NA DISCUSSÃO DA LINGUAGEM AUDIOVISUAL

O Vídeo Clube do Futuro (VCF) é um projeto do MUSEU DA VIDA – COC - FIOCRUZ que integra o espaço de educação não-formal (Museu) ao espaço de educação formal (Escola) ao potencializar as especificidades de cada um dos dois no que diz respeito à pesquisa audiovisual desenvolvida por estudantes a partir da 5ª série do ensino fundamental. Este trabalho se centrará na maneira pela qual se dá esta integração Museu-Escola, mais especificamente, pela Oficina para Professores desenvolvida pelo projeto. O projeto faz parte do Ciência em Cena, responsável no Museu pela investigação das relações entre Arte e Ciência.

No Vídeo Clube do Futuro os estudantes realizam um vídeo de curta duração. Ao vivenciarem cada etapa deste processo, estabelecem paralelos com o fazer científico e o fazer artístico, exploram a relatividade da percepção sensorial, desenvolvem a criatividade, o interesse científico e a leitura crítica da informação.

Para o estudante, o processo se inicia na escola. Ele participa de atividades práticas propostas pelo professor que resultam na criação da história a ser realizada em vídeo. No Museu da Vida o grupo se reúne com a equipe do projeto e, em um dia de visita, acompanhado pelo(a) professor(a) o estudante divide o roteiro em planos, define as funções de cada um dos participantes, escolhe locações, reconhece o equipamento, se prepara, ensaia, grava, edita e finaliza sua história em vídeo. Com o material concreto, o vídeo, o grupo analisa pelo menos três diferentes dimensões da vivência: da linguagem audiovisual, da estruturação do trabalho e da força do trabalho em equipe.

Quanto à linguagem audiovisual propriamente dita, o grupo avalia as mudanças na história idealizada, reconhecendo as possibilidades de manipulação de imagem e som e as várias maneiras de contar uma história, alterando sua maneira de perceber o produto audiovisual, seja o criado por ele, por outro ou o televisivo.

No que diz respeito à estruturação do trabalho, o grupo pensa sobre cada etapa da realização, reflete sobre o processo e traça paralelos e diferenças com o fazer científico e o artístico. Questiona o que esteve envolvido em termos de tecnologia e de lógica, de intuição e de percepção. Finalmente, o grupo se reconhece enquanto equipe, elaborando a importância de cada um para a formação do todo e para a concretização do objetivo. As múltiplas funções são reconhecidas como fundamentais e para além da sensação gratificante de se ver na tela, o estudante percebe que aquele vídeo existe daquela maneira apenas porque houve sua participação única e insubstituível, assim como a de cada colega e “...essa capacidade de reconhecer limites, de si, em si, para si e em relação aos outros, permite ao indivíduo agir livremente. Não se trata nunca de limites abstratos ou de preconceitos. Trata-se, isso sim, do acatamento às possibilidades reais de cada coisa e de cada ser, à transição contínua, porém contida, de tudo com que se lida, sejam objetos com que se trabalha, a linguagem que se usa, a própria vida que se vá viver. A compreensão íntima de si dá ao homem sua verdadeira dimensão”.^[1] Os participantes são estimulados então a criar o vídeo clube de sua escola, como um espaço de continuidade, de troca de

experiências, informação, aprofundamento, expressão criativa e debate. Durante a visita também é gravado um documentário do processo que servirá como instrumento para avaliação, pesquisa e leitura crítica interna da equipe do VCF, segundo os parâmetros de Z.P. Argüello, PhD, consultora deste projeto.

O VCF atua desde 1997 quando foram realizadas as primeiras oficinas de vídeo com a comunidade do entorno da FIOCRUZ. Em 1998 e 1999 o VCF atuou por meio do Projeto Espelhos da Vida, uma parceria entre FURNAS E FIOCRUZ, conduzindo oficinas itinerantes de realização em vídeo nas comunidades de Belford Roxo (RJ) e Fronteira (MG). Nesta etapa atendeu cerca de 260 participantes diretos que produziram 11 vídeos. Em abril de 1999 o Projeto Vídeo-Clube do Futuro foi apresentado na Red-Pop quando relatou a experiência vivida no projeto Espelhos da Vida. A partir do 2º semestre de 1999 o VCF retomou o atendimento no Museu da Vida, voltado principalmente para estudantes, e até 11 de abril de 2000 atendeu a 380 participantes dos quais 335 alunos e 45 professores que produziram 18 vídeos, sendo 14 produzidos por estudantes 4 produzidos por professores. Semanalmente o projeto atende cerca de 80 participantes. Até dezembro de 1999 haviam sido produzidos com o grupo acima mencionado 10 vídeos, abordando temas como drogas, violência, gravidez precoce, discriminação, desemprego, relação com a escola e liberdade. Estes temas foram escolhidos pelos jovens em conjunto com seus professores na escola, elaborados em situações simples e levados ao Museu, quando após breve discussão sobre a idéia e seu roteiro, eram gravados e editados.

A Oficina para Professores

Desde então, o VCF pôs em prática no Museu a estrutura de trabalho inicialmente descrita. A principal questão era lidar com as limitações de tempo, já que cada visita de turma ao projeto poderia durar no máximo seis horas, o correspondente a um dia inteiro no Museu. Este tempo pode parecer longo para uma visita tradicional a um museu, no entanto, para a atividade proposta, é um tempo bastante curto, por três motivos: as características da linguagem – o tempo de produção, gravação e edição de um vídeo é infinitamente maior do que o tempo de duração do produto final; a inexperiência dos participantes, que em sua maioria, conhecem a linguagem audiovisual na posição de espectadores, e ainda, a necessidade de aprofundamento e discussão de temas que surgem a partir desta experiência.

Diante destes desafios, estruturamos a Oficina para Professores visando o desenvolvimento de um trabalho em sala de aula que precedesse a visita da turma ao Museu. Procuramos ao mesmo tempo respeitar as limitações de tempo vividas pelos professores em seu cotidiano. Partindo da vivência prévia de oficinas diretamente com a comunidade, buscamos estabelecer as similaridades e diferenças entre as oficinas já realizadas e as oficinas a serem desenvolvidas com professores. As oficinas desenvolvidas diretamente com as comunidades objetivaram: desenvolver o olhar, a leitura crítica dos produtos da mídia; desenvolver a linguagem audiovisual como veículo de expressão, informação e registro; desenvolver a auto-estima e a noção de “pertencimento” como bases para o desenvolvimento da cidadania; desenvolver o pensamento sobre processo criativo; desenvolver a curiosidade científica; informar sobre questões de saúde.

Mais complexas, as oficinas desenvolvidas com os professores tinham em si dois estágios de objetivos, um primeiro estágio a ser atingido diretamente com os professores e outro estágio visando o trabalho destes com os estudantes. Credo no entanto, que a troca propiciada por um processo de trabalho intensivo como o de uma oficina traga surpresas renovadoras, estendemos estes objetivos também aos da oficina com professores, acrescentando ainda:

- ▪ Desenvolver maneiras alternativas de trabalhar conteúdos da educação formal;
- ▪ Colaborar para criar, a partir da escola, o hábito da frequência a atividades culturais diversas com a correspondente análise e crítica destas atividades.

Neste momento foi fundamental eleger as atividades a serem vivenciadas pelo professor, sabendo da dicotomia em trabalhar de forma compacta com este, no intuito de que este trabalhe da maneira mais extensa possível com o seu aluno, focando a discussão em torno de um assunto, sem “formatar” o potencial criativo dos estudantes.

Esmiuçando estes macro-objetivos podemos detalhar conteúdos específicos: o desenvolvimento da percepção sensorial, a criação de um vocabulário audiovisual para contar histórias, a prática de improvisações, da tomada de decisões e do trabalho em equipe, da reflexão e da crítica. Estes conteúdos foram divididos em blocos multidisciplinares que caracterizaram a necessidade de estruturar a oficina em seis encontros de três horas cada, totalizando 18 horas. Buscou-se então construir os conceitos a partir da prática de exercícios interativos, que gradualmente se somassem. Os objetivos específicos de cada encontro consolidaram-se da seguinte forma:

No primeiro encontro: reconhecer o grupo, refletir sobre percepção sensorial, foco, espaço e ponto de vista. Introduzir o uso de equipamento e refletir sobre as diferenças entre o ser humano e o equipamento.

No segundo encontro: refletir sobre possibilidades de abordagem de conteúdos físicos a partir da atividade com o vídeo; desenvolver relações entre olho e ouvido humanos e os equipamentos de recepção de imagem e áudio; reconhecer as possibilidades expressivas do jogo dramático; aprofundar as noções de percepção sensorial, foco, espaço, ponto de vista; vivenciar recursos expressivos da linguagem audiovisual e desenvolver a síntese de informações.

No terceiro, quarto e quinto encontros, vivenciar etapas de produção do vídeo: respectivamente, no terceiro encontro, a criação e a produção; no quarto encontro, a gravação e no quinto encontro a edição e a finalização.

O sexto encontro caracterizou-se por ser o momento da análise e da crítica, ao comparar o trabalho idealizado e o trabalho realizado; o momento também de relacionar a atividade realizada ao ensino formal; de propor atividades de preparação em sala de aula e finalmente da avaliação, escrita e oral, esta na maioria das vezes, gravada em vídeo.

Foram oferecidos aos professores quatro tipos diferentes de material de apoio:

Artigos de referência em Comunicação, Ciências, Educação, Psicologia, Filosofia e Artes; Pasta contendo Plano de trabalho da Oficina de Professores e material de consulta para ser utilizado durante a oficina e quando da visita com a turma; Apostila básica sobre linguagem audiovisual; Caderno de Sugestões de Atividades

Cabe destacar que as colaborações surgidas durante as oficinas são anexadas ao Caderno de Sugestões de Atividades e disponibilizadas para todos os professores. Independente da disciplina de cada professor, dentro de uma visão multidisciplinar é interessante que todos os participantes conheçam todo o material produzido, pois a partir deste podem descobrir novas abordagens. Cada professor tem a liberdade de selecionar o que desenvolverá em sala de aula a partir das relações estabelecidas entre sua prática e a vivência da oficina.

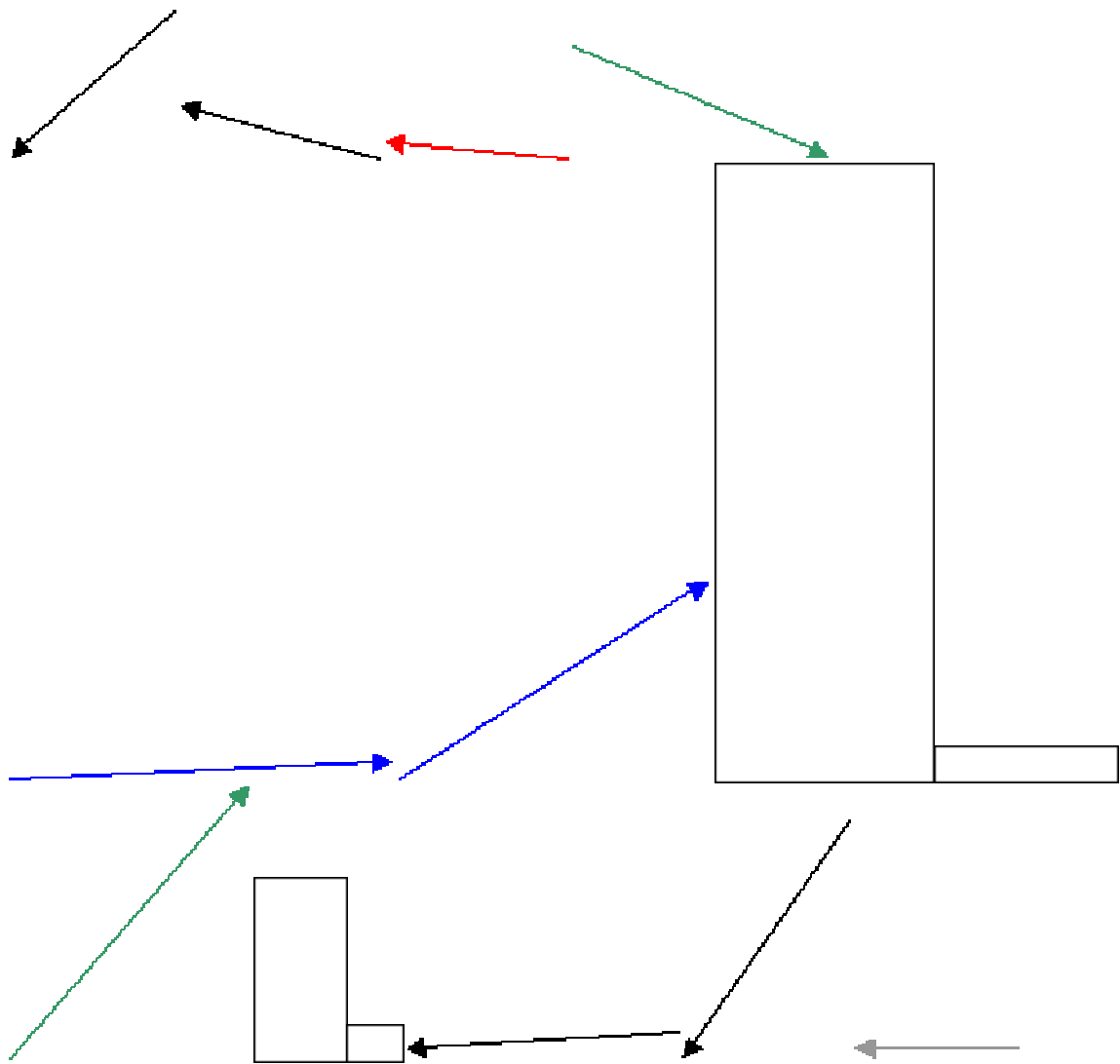
Conclusões

Preparando-se para realizar a quarta Oficina de Professores, o VCF verifica a concretização do projeto pela participação ativa de professores e alunos durante a visita, evidenciando uma sequência de trabalho resultante da integração Museu-Escola. Pudemos observar tanto nas visitas quanto nos relatos e avaliações de professores e alunos, diferenças de aproveitamento diretamente ligadas à existência ou não de um trabalho prévio na escola, embora ao fim do dia os participantes sejam unânimes em expressar sua satisfação com a atividade e o desejo de voltar ao Museu. Observamos ainda que trabalhos desenvolvidos de maneira a dar autonomia aos alunos e estimular sua expressão criativa se refletiram em um aproveitamento mais completo, com uma divisão de tarefas e trabalho em equipe bem organizados, levando a uma edição bastante detalhista para chegar ao produto idealizado.

Partindo deste trabalho houve também outros desdobramentos, como uma estudante que por sua iniciativa já requisitou o apoio da equipe do VCF para produzir um vídeo de sua autoria; ou uma turma que no momento de avaliação da experiência desencadeou uma discussão sobre a escola e seus papéis como cidadãos.

Perspectivas

Podemos prever novos desafios para breve, com o crescimento da segunda geração do VCF: os estudantes que retornam para realizar seu segundo vídeo e exigem seu espaço. Novos desafios, novas energias, novos parceiros. De mãos dadas, esperamos desfrutar de nossa melhor construção: a de um Brasil saudável, crítico, criativo e livre.



TARDY, Michel. *O Professor e as imagens*. São Paulo : Cultrix, 1986.

MIRZA, Fernando. *Uma escola do novo milênio*. Porto Alegre : Fundação Peirópolis, 1999.

KOHAN, Walter Omar e WUENSCH, Ana Mirian (org). *Filosofia para crianças*. Petrópolis : Vozes, 1997.

REVERBEL, Olga. *Teatro na Escola*. São Paulo : Scipione, 1980.

PEDROSA, Israel. *Da cor à cor inexistente*. Rio de Janeiro : FENAME, 1978.

DADOS SOBRE AS AUTORAS

Nomes: Maria do Rosário de Assumpção Braga (Duaia Assumpção)
e Ana Cecília Pacheco

telefones: 598.4424 / 9966.5976

tel/fax: 590.5192/242.2240

email para contato: duaia@fiocruz.br

endereço: Travessa Cassiano, 10/201 – Santa Tereza, RJ CEP 20241-000